

Ensino de Empreendedorismo e expectativas profissionais

Verónica Peñaloza
ypenalaza@uece.br
Universidade Estadual do Ceará –UECE

Kelvia Carneiro de Linhares Fernandes
kelviacarneiro@yahoo.com
Universidade Estadual do Ceará –UECE

Diana do Nascimento dos Santos
diana.nsantos@oi.com.br
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Olga Melissa Moreira Prado
olgaprado@fortalnet.com.br
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Resumo

Aliado ao rápido crescimento do interesse pelo empreendedorismo, instituições e faculdades públicas e privadas, tem criado cursos, especializações e disciplinas específicas voltados para a área de empreendedorismo. A motivação que norteia este trabalho é conhecer se os alunos que frequentam esses cursos querem ser empreendedores. Foi realizada uma pesquisa exploratória analisando as expectativas profissionais, com alunos dos cursos de Gestão Empreendedora e de Administração de Empresas, ambos de Fortaleza, Ceará. Os resultados mostraram que os grupos, sem grandes diferenças, orientam-se preferencialmente pelo funcionalismo público, mais ainda, os alunos do curso de Gestão Empreendedora apresentam uma relação negativa com todos os fatores associados aos tipos de atividades empreendedoras e uma relação positiva com o fator que representa estabilidade no emprego, remuneração como principal incentivo e preferência por adaptação às mudanças ao invés de motivador de mudanças.

Introdução

Parece ser uma verdade inquestionável que o empreendedorismo seja um fator de desenvolvimento econômico. Por isso, o estudamos, o fomentamos e procuramos desenvolvê-lo. Muitas sugestões são feitas pelos especialistas, objetivando desenvolver o nível de empreendedorismo num país. As sugestões vão desde políticas a nível macroeconômico, como reforma tributária e programas de Governo mais integrados e coerentes com a realidade dos empreendedores, até políticas que incentivem a promoção de uma mudança de valores e normas sociais, valorizando de forma mais incisiva a atividade empreendedora, registra o Relatório Executivo do GEM – *Global Entrepreneurship Monitor* (2007).

Dentre as sugestões e recomendações feitas pelos especialistas para promover o empreendedorismo no Brasil, destaca-se entre as cinco mais mencionadas, o reforço e a disseminação de uma cultura empreendedora, promovida por diversas instituições como, por

exemplo, as escolas de primeiro e segundo grau, as universidades e institutos de tecnologia. (GEM, 2007). O relatório GEM (2007), foi mais incisivo, onde colocou a necessidade do Ministério da Educação de incentivar as instituições de ensino em todos os níveis, para que dessem ao empreendedorismo um conteúdo transversal a todas as disciplinas, não se limitando a ser uma cadeira eletiva, a repensar nas diretrizes do Sistema educacional do Brasil, a treinar professores nos vários níveis de educação formal para o desenvolvimento de atividades pedagógicas empreendedoras, a instituir disciplinas sobre a criação de novos negócios, dentre outras proposições.

Além do rápido crescimento da literatura profissional e acadêmica relacionada ao empreendedorismo e aos empreendedores a nível mundial, talvez a evidência mais óbvia deste interesse ressurgja pelo aparecimento de cursos de empreendedorismo nas universidades do mundo todo (KOH, 1996). Nos últimos anos, no Brasil, o ensino de empreendedorismo tem se difundido muito. As instituições e faculdades privadas que trazem como traço característico sua rápida resposta às demandas do mercado, têm criado especializações e cursos específicos voltados para a área de empreendedorismo. Outrossim, muitas instituições públicas, por sua vez, fazem sua parte oferecendo disciplinas de empreendedorismo na graduação, além de algumas dessas oferecerem também especializações específicas nas áreas: de administração de empresas, informática, tecnologia, etc.

Segundo Souza e Guimarães (2005), a criação de cursos específicos de empreendedorismo ou conteúdos relativos ao tema, incluídos em disciplinas de outros cursos, têm sido considerados como um dos mecanismos para gerar novos empreendimentos, inovações tecnológicas e gerenciais. A pesquisa realizada por esses autores revela que o ensino do empreendedorismo ainda não está totalmente incorporado aos currículos dos cursos.

Em contraponto, segundo o relatório GEM (2007), os especialistas consideram que os programas educacionais existentes no Brasil não estimulam suficientemente a promoção de um espírito empreendedor nas pessoas – ainda que existam cursos relacionados ao empreendedorismo, incubadoras de novos negócios em universidades e centros de pesquisas. Ainda nesse relatório, o empreendedor brasileiro carece de conhecimentos desde básicos de dinâmica de mercado até mecanismos internos de gestão.

Segundo Wolf (2004), o primeiro curso criado no Brasil, na área de empreendedorismo, surgiu em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, por iniciativa do professor Ronald Degen e chamava-se “Novos Negócios”. Mais tarde, o ensino de empreendedorismo foi inserido nos cursos de mestrado, doutorado e MBA (*Master in Business Administration*). Posteriormente, outras instituições incorporaram disciplinas de ensino de criação de empresas, no curso de administração e de ciências da computação, além de programas de formação de empreendedores, voltados para profissionais interessados em abrir empresas. Segundo o mesmo autor, o ano de 1996 é um marco na área de empreendedorismo no Brasil. O programa Softex, criado pelo CNPq em 1992, com a finalidade de estimular a exportação de software brasileiro, implantou dois projetos: o Gênesis, na área de incubação universitária e o Softstart, na área de empreendedorismo. O objetivo inicial era a implantação do ensino de empreendedorismo em 30 cursos de informática em um período de três anos. Os resultados atingiram mais de 100 departamentos de ensino de informática em 23 estados brasileiros e no Distrito Federal. A partir do ano 2000, o empreendedorismo passa a ser disciplina prevista no currículo das instituições de ensino e é oferecido como curso de graduação em algumas faculdades.

O objetivo do trabalho é de analisar, através de uma pesquisa exploratória, quais são as expectativas profissionais, de médio e curto prazo, dos alunos na fase final de um curso de Gestão Empreendedora e de Administração de Empresas, ambos localizados na cidade de Fortaleza, Ceará. A instituição pública não oferece, dentro da grade curricular, a disciplina de empreendedorismo, porém oferece uma disciplina optativa chamada “Iniciação Empresarial”, que deixou de ser ofertada por falta de demanda dos alunos. Já o curso ministrado na instituição particular, deixa explícito em sua ementa, que os objetivos a serem atingidos são: “formar um profissional empreendedor, preocupado e sintonizado com os avanços do mundo moderno,...desenvolvendo em seus alunos as competências necessárias para empreender e criar novos negócios”.

O Empreendedor e o ensino de empreendedorismo

Os empreendedores contribuem com o desenvolvimento econômico de uma nação ao ponto que tem a capacidade de inovar e de aproveitar as oportunidades de negócios (SCHUMPETER, 1988). Porém, apesar do consenso quanto à importância do papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico, o mesmo não existe quando a questão é a caracterização do conceito “empreendedor”. Muito embora exista uma quantidade substancial de pesquisas na área de empreendedorismo, a definição e compreensão dos termos permanecem difíceis e desafiadores. Dada a importância do crescente interesse pelo empreendedorismo, há um valor prático em poder identificar as características dos empreendedores e muitos trabalhos têm como foco esse aspecto (KOH, 1996).

Muito do esforço inicial, em entender o empreendedorismo e a criação de novos negócios, focava as características individuais dos empreendedores. Desde o trabalho seminal de McClelland (1961) que defendia a necessidade de auto-realização como característica da personalidade empreendedora, o campo tem examinado diferentes traços da personalidade como: o auto-controle, a propensão ao risco e os valores pessoais numa variedade de diferentes.

Lopez Junior e colaboradores (2006) trabalham o conceito de atitude empreendedora, constituída por quatro fatores – planejamento, realização, poder e inovação. O primeiro fator é composto por variáveis como: estabelecimento de metas, busca de informações, planejamento e acompanhamento sistemático. O segundo fator, realização, é formado por: busca de oportunidades, iniciativa, persistência, aceitação de riscos e comprometimento. O fator poder, por sua vez, é composto por: estabelecimento de redes de contato, persuasão, liderança, independência e auto-confiança e por último, o quarto fator é constituído por criatividade e inovação, voltados para a capacidade do empreendedor de atuar de forma criativa e inovadora na busca de posições vantajosas de mercado.

Ainda sobre as características empreendedoras, os resultados de uma pesquisa mostram que aqueles que apresentam maiores índices de características comportamentais empreendedoras, entre elas, a de correr riscos calculados, tendem a abrir seu próprio negócio. Contudo, aqueles que apresentam menores características, como exigência de qualidade e busca de informações tendem a estarem desempregados. (CARVALHO; ZUANAZZI, 2003)

Dolabela (1999) por sua vez, baseado em Filion (2003), identifica os empreendedores, apresentando um resumo do que seriam as preferências dos empreendedores quanto à forma de realizar suas atividades (Quadro1).

Quadro 1 - Gerente e Empreendedor: atividades

Gerente	Empreendedor
Tenta otimizar os recursos para atingir metas	Estabelece uma visão e objetivos; depois localiza os recursos
Opera dentro de uma estrutura existente	Define tarefas e papéis que criam uma estrutura de organização
Busca aquisição de conhecimentos gerenciais e técnicos	Apóia-se na auto-imagem geradora de visão e inovação; busca adquirir <i>know-how</i> e <i>know-who</i>
A chave é se adaptar às mudanças	A chave é iniciar as mudanças
Seu padrão de trabalho implica análise racional	Seu padrão de trabalho implica imaginação e criatividade
Trabalho centrado em processos que se apóiam no meio em que ele se desenvolve	Trabalho centrado no planejamento de processos que resultam de uma visão diferenciada do meio
Apoiado na cultura da afiliação	Apoiado na cultura da liderança
Centrado no trabalho em grupo e na comunicação grupal	Centrado na evolução individual
Trabalha no desenvolvimento dos dois lados do cérebro, com ênfase no lado esquerdo	Desenvolvimento dos dois lados do cérebro, com ênfase no lado direito
Desenvolve padrões para a busca de regras gerais e abstratas em princípios que possam se transformar em comportamentos empresariais de eficácia	Lida com situações concretas e específicas; sabe que uma oportunidade é única, um caso diferente de outros e que deve, portanto, ser tratado de forma específica
Voltado à aquisição de <i>know-how</i> em gerenciamento de recursos e da área da própria especialização	Voltado à aquisição de <i>know-how</i> para definir contextos que levam a ocupação do mercado

Fonte: Dolabela (1999, p. 119)

As definições de empreendedor e empreendedorismo são inumeráveis, complexas e têm múltiplas facetas. Não podemos esquecer também, que empreendedorismo não se traduz especificamente na criação de um novo negócio, uma pessoa empreendedora pode estar também dentro de uma empresa, das universidades ou em qualquer tipo de instituição.

Diante disto surge a questão: como ensinar empreendedorismo? Os autores Fillion (2003), Dolabela (2003; 1999) e Dornelas, (2001) são unânimes em afirmar que falar de empreendedorismo e de educação significa canalizar o conhecimento para uma melhor realização do potencial de cada um e para esse fim é necessário uma pedagogia específica, pois, no empreendedorismo, o que é primordial é o saber-ser, ou seja, a forma como uma pessoa define a si próprio (auto-conceito) e como define a sua relação com o meio (ambiente/contexto). “Na verdade, não se trata de ensinar, mas de desenvolver, porque todas as pessoas nascem empreendedoras, assim como todo mundo nasce com potencial para andar, contar, tocar piano” (DOLABELA, 2005). “Empreendedorismo se aprende geralmente pela transmissão de valores, por osmose e por contatos seguidos com um empreendedor, em suma por trocas de saber com aqueles que o praticam”(FILION, 2003:15). Ou seja, a educação necessita de dimensões mais fundamentais tais como a definição de si próprio e a aprendizagem da liderança, o que implica vários conhecimentos que vão além das práticas de negócios.

Dolabela (2004) avança e esclarece sobre uma metodologia de ensino do empreendedorismo, embora direcionada para a educação básica. Para este autor, a dinâmica pedagógica é dada pela ação que integra os dois ciclos de aprendizado do empreendedor: o sonho estruturante e sua tarefa de realização. “Ao envolver-se na tarefa de realização do sonho, o indivíduo estará ponderando a adequação entre o sonho, tudo o que o cerca e o seu próprio eu. Para isso, buscará, de forma auto-suficiente, aprofundar conhecimentos sobre si mesmo e sobre o ambiente do sonho, aumentando sua consciência sobre o mundo e os outros. Como o sonho, o eu e o ambiente sofrem mudanças e se alteram permanentemente; desse modo, a construção

do conhecimento é dinâmica, o que lhe empresta força pedagógica”. Ou seja, “é possível aprender o empreendedorismo. E a aprendizagem se realiza de uma maneira muito gradual”, completa (FILION, 2003, p.16). Em outras palavras, “ainda não existe resposta científica sobre se é possível ensinar alguém a ser empreendedor. Mas sabe-se que é possível aprender a sê-lo”(DOLABELA, 1999, p.23). Os empreendedores não nascem, eles são feitos (GÜROL; ATSAN, 2006).

Mcmullam e Long (1987) ao analisarem o ensino do empreendedorismo nas décadas de 70, 80 e 90, observaram que: a educação empreendedora pode fazer com que pessoas iniciem negócios com potencial de crescimento; existem evidências que os estudantes de cursos de graduação em empreendedorismo abrem mais negócios do que aqueles que não se graduam em cursos desse tipo; e que indivíduos com aspirações empreendedoras têm preferem programas de educação dedicados exclusivamente ao empreendedorismo.

Ao defender o ensino de empreendedorismo, Dornelas (2001), afirma que o empreendedorismo pode ser entendido por todas as pessoas, mas a obtenção do sucesso será decorrente de uma série de fatores internos e externos do negócio, do perfil e características do empreendedor.

Tal como colocado anteriormente, as definições de empreendedor são inumeráveis, complexas e tem múltiplas facetas, contudo, em termos práticos, admite-se ser mais fácil e oportuno, delimitar o escopo desta pesquisa, associando o termo empreendedor ao indivíduo que tem objetivos profissionais, de mediano e curto prazo, de abrir ou consolidar um negócio.

Ser empreendedor: uma aspiração profissional

No contexto brasileiro regrado de dificuldade de obtenção de emprego regular e de remuneração satisfatória e em paralelo com o crescimento de oportunidades de novos negócios, surge a figura do empreendedor que, diante destes fatores empreende em busca de realização. Por outro lado, num contexto de mudanças e avanços tecnológicos, a estrutura de emprego modifica-se. Novas carreiras, qualificações e ocupações surgem, requerendo do sistema de ensino o desenvolvimento de novas competências (SOUZA *et al.*, 2005).

Em paralelo, torna-se, casa vez mais freqüente, a necessidade dos egressos do ensino superior criarem, por si mesmo, seus postos de trabalho, fazendo com que as instituições de ensino superior agreguem em seus objetivos de ensino, o desenvolvimento de competências empreendedoras e a disseminação da cultura do empreendedorismo, que, de certa forma, podem ser fatores estratégicos para inserção do homem no mercado de trabalho e para sustentabilidade, principalmente das pequenas empresas (SOUZA *et al.*, 2005).

De acordo com Ashmore (1999) a educação empreendedora é um processo de aprendizado durante toda a vida e proporciona oportunidades de qualquer indivíduo aprende-la nos estágios iniciais, porém nos estágios finais da aprendizagem do empreendedorismo são destinados somente aqueles que optaram por serem empreendedores. O autor ainda afirma que a referida educação é o meio de ensinar os estudantes a aproveitarem as mudanças ao invés de temê-las, pois ela os ajuda a entenderem suas opções de mercado e os auxilia a identificarem as oportunidades de mercado.

Em contraponto, em pesquisa realizada em 131 Instituições de Ensino Superior, professores e coordenadores entrevistados relataram suas expectativas e sugestões de melhoria para os programas de ensino de empreendedorismo, agrupando em sete categorias. Dentre as sugestões de melhorias, a “busca de novas alternativas de emprego tradicional”, com objetivo de melhorar o perfil e o futuro dos egressos, criando oportunidades de negócios e novas alternativas de inserção desses profissionais no mercado de trabalho, obteve a menor frequência, bem como a disseminação de desenvolvimento estadual, regional e nacional. (SOUZA; GUIMARÃES, 2005).

Dornelas (2001, p.) assegura que, “o ensino universitário deve mudar, já que forma empregados moldados para trabalhar em grandes organizações; está na hora de ensinarmos aos jovens que eles têm alternativa: ser patrão”. Ashmore (1999) complementa que a efetiva educação empreendedora prepara os jovens para tornarem-se indivíduos empreendedores ou pensadores do empreendedorismo e contribuir para o desenvolvimento econômico das comunidades sustentáveis.

Trazendo essas considerações para uma visão econômica, mostra que, o indivíduo que se propõe a enfrentar desafios, a correr riscos para montar seu próprio negócio, apresenta-se como agente de mudança para o desenvolvimento econômico (SCHUMPETER, 1988). Numa perspectiva comportamental, muitos pesquisadores identificam que os indivíduos que criam seus negócios têm inúmeras características empreendedoras. Brandstätter (1997) observa que as características da personalidade são determinantes para promover o sucesso de montar um próprio negócio.

Timmons (1978) acredita que, fatores como compromisso e determinação, liderança, busca de oportunidade, tolerância ao risco, incerteza, criatividade, autoconfiança e habilidade para adaptação e motivação para ser o primeiro, representam um consenso na literatura sobre as características desejáveis e que podem ser adquiridas pelo empreendedor.

Segundo GEM (2007), os empreendedores possuem ousadia necessária para enfrentar os riscos de negócio e têm autoconfiança, já que 78,80% dos empreendedores iniciais (aqueles cujos empreendimentos têm 42 meses de vida), 77,90% dos estabelecidos (aqueles cujos empreendimentos têm acima de 42 meses de vida) e 50,70% dos não empreendedores acreditam possuir conhecimento, habilidade e experiência para iniciar um novo negócio.

Metodologia

Esta pesquisa é de caráter exploratório, pretende prover critérios para a compreensão do fenômeno estudado e identificar cursos alternativos de ação para futuras pesquisas. Trabalha-se com uma amostra por conveniência e não representativa uma vez que não se pretende estender os resultados a outros diferentes contextos culturais. Segundo Malhotra (2001) em termos gerais a pesquisa exploratória é significativa em qualquer situação da qual o pesquisador não disponha do entendimento suficiente para prosseguir o projeto de pesquisa e pretenda através da pesquisa estabelecer prioridades para pesquisas posteriores.

Dessa forma, para a realização da mesma foi aplicado um questionário com 21 perguntas divididas em três seções. Uma primeira seção de perguntas de alternativa única, destinadas a classificar o perfil sócio-econômico do aluno. Uma segunda parte, com perguntas que objetivavam conhecer a opinião dos alunos sobre conteúdos e orientações do curso. A terceira

parte estava relacionada com a situação laboral e objetivava conhecer as aspirações profissionais dos alunos, sua opinião sobre a importância de determinados fatores na atividade profissional e suas tendências empreendedoras. Nas perguntas de opinião usou-se a escala *Lickert* para as respostas. Nas perguntas em que pareciam mais relevantes a importância que o entrevistado dava a cada item do que a frequência com que este era mencionado construiu-se um índice usando a média ponderada das respostas. (PEÑALOZA, 2006).

Quanto à questão específica desta pesquisa, foi perguntado diretamente ao aluno quais eram seus objetivos profissionais de médio e curto prazo, com resposta única, para as seguintes alternativas:

- dedicar-se à pós-graduação integralmente/seguir vida acadêmica;
- conseguir emprego em empresa privada;
- prestar concurso público/consolidar carreira no setor público;
- abrir negócio próprio/consolidar negócio próprio;
- trabalhar nos negócios da família e outros (especifique).

Foram respondidos 100 questionários, 50 numa instituição pública (universidade estadual) onde os alunos freqüentavam regularmente as disciplinas de Planejamento e Projetos II (situada na integralização curricular no último semestre do curso), e 50 questionários numa instituição privada, pelos alunos das disciplinas de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). A amostra foi escolhida por conveniência, os questionários foram aplicados nas instituições onde as autoras são docentes. O tratamento de dados foi feito no software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 15.0 for Windows, os módulos de estatística descritiva e de cruzamentos simples, análise fatorial e regressão *logistic*.

Análise dos Resultados

Com relação ao perfil da amostra geral, dos 100 respondentes, 67 são mulheres e 33 homens. Na faculdade privada a maioria são mulheres, 90% dos alunos. A maioria se declara como solteira, sendo que o percentual é maior na faculdade pública, 82% versus 70%. As idades variam entre 19 e 53 anos, na instituição privada os alunos são mais novos, concentrando-se na faixa de até 25 anos, já na instituição pública se concentram na faixa de 26 a 30 anos.

Com relação às condições de moradia, a maioria ainda mora com os pais. Comparando os dois grupos, na faculdade privada, um maior percentual reside com o cônjuge ou parceiro e um percentual também grande mora sozinho. Quanto a sua participação na vida econômica da família, 30% dos alunos da instituição privada e 16% da instituição pública não trabalham e são financiados pelos pais ou pela família, 28% do total trabalha, mas recebe complemento da família, 41% trabalham e contribui com o sustento da família, mas só 8% são responsáveis pelo sustento da família. Infelizmente não foi possível estabelecer um perfil da renda familiar dos respondentes, tendo em vista que grande parte dos alunos da instituição privada não respondeu a esta pergunta.

Como já mencionado acima, a grande maioria dos alunos trabalham e estão há alguns anos no mercado de trabalho. Também, 60% dos alunos da instituição particular trabalham antes de começar o curso, contrastando com 14% dos alunos da instituição pública que, normalmente, começam a trabalhar preponderantemente no segundo e terceiros anos. Quanto ao vínculo empregatício, um percentual pequeno (7,1%) apresenta a iniciativa empreendedora de trabalhar como autônomo. Um percentual igualmente pequeno (4,3%) é funcionário público

(autárquico/estatutário), entretanto, mais da metade (53,4%) possui vínculo de trabalho formal.

Quando se pergunta pelo objetivo profissional, vide TAB. 1, o item “consolidar carreira no setor público” é a alternativa assinalada com maior frequência, onde 43% do total de respondentes assinala que pretendem prestar concurso público ou consolidar carreira no setor público num médio ou curto prazo, sendo o percentual um pouco maior no caso do curso de administração geral (44% versus 42%). Dedicar-se à pós-graduação e/ou seguir vida acadêmica é assinalada como segunda opção com 20% das respostas, sendo os alunos do curso de gestão empreendedora os que apresentam um interesse um pouco maior na vida acadêmica. Conseguir emprego em empresa privada é a última opção com 13% das respostas, sendo também maior o interesse dos alunos do curso de gestão empreendedora. Por último, abrir ou consolidar um negócio é assinalada como penúltima opção com 19% das respostas, sendo que neste caso os alunos do curso de gestão empreendedora apresentam um interesse menor em abrir ou consolidar um negócio (16%) se comparados com aos alunos do curso de administração geral (22%).

Tabela 1 – Percentual de respondentes por objetivos profissionais de médio e curto prazo, segundo instituição pública e particular

Objetivos profissionais de médio e curto prazo	Total de respondentes	Intituição Pública (%)	Instituição Particular (%)
Dedicar-se à pós-graduação integralmente/seguir vida acadêmica	20	18,0	22,0
Conseguir emprego em empresa privada	13	8,0	18,0
Prestar concurso público/ consolidar carreira no setor público	43	44,0	42,0
Abrir negócio próprio/consolidar negócio próprio ou da família	19	22,0	16,0
Sem resposta	5	8,0	2,0

Fonte: elaboração dos autores

As respostas anteriores são ratificadas pelas perguntas do porque que o aluno tinha optado pelo curso. Entre outros objetivos, esta pergunta pretendia ter a informação se o curso de administração era procurado pelos alunos como meio para se desenvolver profissionalmente como empreendedor. As respostas mostraram que esse não era o interesse primordial dos alunos. Só 24% dos respondentes assinalaram a alternativa como importante ou muito importante, sendo que só 5 alunos da instituição particular assinalaram estas alternativas. As alternativas mais respondidas como importantes e muito importantes foram as opções pelo curso como meio para aumentar as chances de conseguir um bom emprego (76,3%) e o interesse dos alunos pela área com 78,1%.

Uma primeira leitura desses resultados indica que a maioria dos alunos não teriam espírito empreendedor, entendido, neste caso, como intenção de montar um negócio. Mais ainda, o objetivo profissional do maior percentual de respondentes foi o de serem funcionários públicos, colocado muitas vezes na literatura como antítese do espírito empreendedor.

Quando consultados sobre os fatores que consideram importantes na atividade profissional, o item assinalado com maior frequência pelos alunos do curso de gestão empreendedora foi “um emprego estável”, 74% dos alunos assinalaram esta alternativa, sendo 36% deles em primeiro lugar. Em contrapartida, 44% dos alunos do curso de administração assinalaram esta

alternativa, sendo que só 14% deles em primeiro lugar. Por sua vez, as “chances de continuar se qualificando” foi o item mais assinalado pelos alunos de administração e em segunda opção pelos alunos do curso de gestão empreendedora. Em terceiro lugar está o “salário”, onde 48% dos alunos do curso de administração assinalam este item e 64% dos alunos do curso de gestão empreendedora.

As preferências dos alunos quanto ao tipo de trabalho que gostariam de desenvolver, foram baseadas na tipologia de Dolabela (Quadro1) e acrescidas duas características, quais sejam: um trabalho em que a remuneração seja o principal incentivo versus um trabalho em que a satisfação pessoal seja o principal incentivo. E um trabalho que dê segurança e estabilidade versus um trabalho que permita autonomia. As variáveis foram trabalhadas usando análise fatorial, (componentes principais/rotação varimax) para reduzir as variáveis e correlacioná-las posteriormente com os alunos das duas instituições, com o intuito de ver se existem diferenças entre ambos. Os resultados da análise fatorial foram 4 fatores (TAB. 2). O primeiro fator agrupou variáveis que refletem: imaginação, busca de *know-how* e *know-who* e uma visão diferenciada do meio. O segundo fator reflete: trabalho em grupo, cultura de liderança e definição de tarefas. O quarto fator está relacionado com autonomia e estabelecimentos de objetivos. Todos esses fatores agrupam variáveis que se relacionam com atividades classificadas por Dolabela (1999) de atividades próprias do empreendedor. Já o terceiro fator diferentemente dos anteriores, agrupou variáveis associadas com remuneração, estabilidade e adaptação.

Tabela 2 – Matriz rotacionada

	Cargas Fatoriais
Fator 1	
Um trabalho que o padrão seja imaginação e criatividade	0,72
Um trabalho que busque adquirir <i>know-how</i> e <i>know-who</i>	0,61
Um trabalho centrado no planejamento de processos que resultam de uma visão diferenciada do meio	0,58
Fator 2	
Um trabalho centrado no trabalho em grupo e na comunicação grupal	0,82
Um trabalho apoiado na cultura da liderança	0,58
Um trabalho onde você defina tarefas e papéis que criem uma estrutura de organização	0,51
Fator 3	
Um trabalho onde você precisa se adaptar às mudanças	0,67
Um trabalho em que a remuneração seja o principal incentivo	0,64
Um trabalho que de segurança estabilidade	0,54
Fator 4	
Um trabalho onde você estabeleça os objetivos para depois localizar recursos	0,74
Um trabalho que permita autonomia	0,65
Porcentagem da Variância Explicada	57,8

Fonte: elaboração dos autores

Os escores fatoriais calculados foram utilizados para realizar uma regressão *logistic* com a variável binária (alunos do curso gestão empreendedora valor 1, alunos do curso de administração valor 0).

		Variables in the Equation					
Step		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1 ^a	FAC1_2	-,089	,230	,151	1	,698	,915
	FAC2_2	-,003	,230	,000	1	,991	,997
	FAC3_2	,446	,233	3,643	1	,056	1,562
	FAC4_2	-,181	,231	,613	1	,434	,835
	Constant	-,404	,229	3,110	1	,078	,668

a. Variable(s) entered on step 1: FAC1_2, FAC2_2, FAC3_2, FAC4_2.

Figura 1 - Resultados da análise de regressão *logistic*

Apesar dos coeficientes calculados serem não significativos ($\text{sig} > 0.005$) em termos estatísticos (FIGURA 1), estes mostram claramente através do sinal, que os alunos do curso de gestão empreendedora apresentam uma relação negativa com todos os fatores associados aos tipos de atividades empreendedoras e uma relação positiva com o fator 3 que representa, estabilidade no emprego, remuneração como principal incentivo e adaptação às mudanças ao invés de ser iniciador ou gerador de mudanças. Estes resultados viriam no encontro dos resultados anteriores quanto à escolha dos alunos pelo funcionalismo público e não pelo desenvolvimento uma atividade empreendedora.

Considerações Finais

A partir das últimas duas décadas tem se suscitado um interesse crescente pelo tema do empreendedorismo. Esta tendência que se manifesta mundialmente é particularmente relevante no Brasil, que pela sua característica de país emergente, vê na atividade empreendedora um paliativo aos problemas de falta de emprego e de renda. O próprio relatório GEM (2007) destaca que há um considerável otimismo em relação a criação de emprego por parte dos empreendedores brasileiros, com uma expectativa de que uma boa parte deles gere pelo menos três novos empregos no decorrer de cinco anos.

Essa percepção do empreendedorismo, como fator de desenvolvimento regional, trouxe consigo um fomento da atividade empreendedora em diversos âmbitos, um deles o da educação e treinamento. Emergiram uma grande gama de cursos, especializações e disciplinas, relacionadas com o empreendedorismo e a atividade empreendedora.

Sem discutir o mérito desses cursos ou disciplinas ensinam ao aluno a ser empreendedor, questão muito polêmica e que está muito distante de se chegar a um consenso, queríamos saber se eles de alguma forma estavam colaborando com a disseminação do empreendedorismo, empreendedorismo entendido aqui como intenção de iniciar ou desenvolver um negócio. Nada mais adequado que perguntar a esses alunos que estão prestes a se formar quais são suas expectativas profissionais de médio e curto prazo, pressupondo que os alunos que estudam num curso de gestão empreendedora, diferentemente dos alunos que estudam numa faculdade pública sem nenhuma orientação nem disciplina voltada ao empreendedorismo tivessem pelo menos, uma predisposição maior a abrir ou consolidar um negócio. Os resultados mostraram que os grupos, sem grandes diferenças se orientam

preferencialmente pelo funcionalismo público, 44% dos alunos do curso de administração da instituição pública e 43% dos alunos do curso de gestão empreendedora da instituição privada, assinalaram que entre seus objetivos profissionais de médio e curto prazo estava prestar concurso ou consolidar carreira no setor público.

Indagou-se também quanto às preferências pelo tipo de trabalho que gostariam de desenvolver. Apesar dos resultados da regressão não mostrarem coeficientes significativos em termos estatísticos, deram um indício do tipo de causalidade, indicando que os alunos do curso de gestão empreendedora apresentam uma relação negativa com todos os fatores associados aos tipos de atividades empreendedoras e uma relação positiva com o fator que representava, estabilidade no emprego, remuneração como principal incentivo e preferência por adaptação às mudanças, ao invés de motivador de mudanças.

Os resultados não são conclusivos quanto às motivações que levam aos alunos a optarem pelo funcionalismo público. Não era o objetivo da pesquisa indagar as causas desta escolha, porém estabilidade e remuneração são apontados como prováveis motivadores. Tampouco são conclusivos quanto ao papel desempenhado pelos cursos específicos, ou mesmo quanto ao incentivo ao empreendedorismo, uma vez que apontam unicamente para a não existência de diferenças quanto aos objetivos profissionais de médio e curto prazo de alunos que estudam num curso voltado especificamente para o empreendedorismo, daqueles alunos que estudam num curso sem orientação específica empreendedora. Nenhum deles está incentivando os alunos a abrir ou consolidar negócios. Não podemos extrapolar as conclusões a outras realidades e outros contextos, a amostra é limitada e não representativa, visto que foi definida por conveniência.

Caberia se perguntar, se a constatação desta pesquisa faz parte de uma realidade regional ou é um problema conjuntural. Surge, aqui, a possibilidade de um campo para futuras pesquisas com amostras representativas de realidades regionais diferentes e/ou espaços de tempo diferentes.

Referências Bibliográficas

ASHMORE, C. **The consortium for entrepreneurship education**. Columbus, OH, USA: 1999.

BRANDSTÄTTER, Hermann. **Becoming an entrepreneur: a question of personality structure?** Journal of Economic Psychology. v.18, p157-177,1997.

CARVALHO, Carlos Eduardo e ZUANAZZI, Jeancarlo. Análise das características de alunos de graduação em Administração e sua relação com as expectativas do ensino de empreendedorismo. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 3., 2003, Brasília. **Anais...** Brasília: UEM/UEL/UnB, 2003, p. 125-141.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza**. São Paulo: Cultura Editora, 1999.

_____. **Ensino de empreendedorismo na educação Básica como instrumento do desenvolvimento local sustentável**. In: CIPEAL, 3, 2003, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro, 2005.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

FILION, L. J. **Um roteiro para desenvolver o empreendedorismo**. Recife: IEL, 2003.

KOH, Hian Chye. **Testing hypotheses of empreendedores characteristics. A study of Hong Kong MBA students**. Journal of Managerial Psychology, Vol. 11 No. 3, 1996, pp. 12-25.

LOPEZ JÚNIOR, Gumersindo e SOUZA, Eda Castro. L. **Instrumento de Medida da Atitude Empreendedora – IMAE: Construção e Validação de uma Escala**. Anais do 30º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, In Anais do ENANPAD 2006 (CD-ROM), Salvador, 2006.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre, Bookman, 2001.

McMULLAN, W. E.; LONG, W.A. **Entrepreneurship education in the nineties**. Journal of Business Venturing. Jul, 1987.

GLOBAL ENTREPREURSHIP MONITOR - GEM. **Relatório Executivo: Empreendedorismo no Brasil 2006**. Curitiba: Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade, 2007.

GÜROL, Yonca; ATSAN, Nuray. **Entrepreneurial characteristics amongst university students: some insights for entrepreneurship education and training in Turkey**. Journal of Education & Training. v.48, n.1, p.25-38, 2006

PEÑALOZA Verónica; BASTOS, Adriana Teixeira. **O perfil dos alunos do curso de Administração, sob a perspectiva empreendedora**. Série Documentos de Trabalho NUPES-USP, São Paulo, v. v2, p. 1-32, 2006.

SOUZA, Eda Castro L.; GUIMARÃES, Tomás de Aquino. **O ensino de empreendedorismo em instituições de ensino superior brasileiras**. In: In: Eda Castro Lucas de Souza e Tomás Aquino Guimarães (Orgs.). Empreendedorismo Além do Plano de Negócio. São Paulo: Atlas, 2005, p. 241.

SOUZA, Eda Castro L.; DEPIERI, Cristina Castro L. S.; ASSIS, Simone de Araújo G.; ZERBINI, Thaís. **Métodos, técnicas e recursos didáticos de ensino do empreendedorismo em IES brasileiras**. In: Eda Castro Lucas de Souza e Tomás Aquino Guimarães (Orgs.). Empreendedorismo Além do Plano de Negócio. São Paulo: Atlas, 2005, p. 200.

SHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Nova cultural, 1988.

TIMMONS, Jeffrey. A. **Characteristics and role demands of entrepreneurship**. American Journal of Small Business, n.3, p. 5-17. 1978.

WOLF, S.M. A aceitação do aprendizado do empreendedorismo como facilitador do sucesso profissional expressa por alunos do ensino médio em uma unidade escolar da rede pública catarinense. **Dissertação de Mestrado** apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de pós-graduação em Engenharia da Produção, Florianópolis, 2004.